

III COLÓQUIO DE EDUCAÇÃO DISCENTE EDUCAÇÃO E DIFERENÇA: RESISTÊNCIAS E ESCAPES

GRUPOS DE TRABALHO (GT)

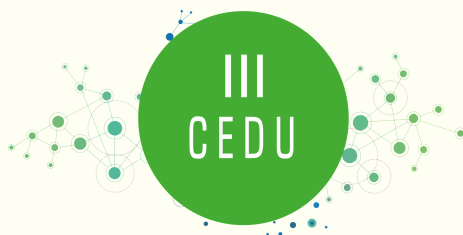
Os Grupos de Trabalho (GT) serão os espaços para a comunicação oral e discussão de pesquisas concluídas ou em desenvolvimento relacionadas à temática do III Colóquio de Educação Discente (III CEDU), que nessa edição é *Educação e Diferença: resistências e escapes*.

O III CEDU contará com 16 (dezesseis) GTs, distribuídos nos seguintes eixos: a) Educação e diferença: arte e cultura; b) Educação e diferença: linguagem; c) Educação e diferença: políticas; d) Educação e diferença: inclusão e tecnologia; e) Educação e diferença: historicidade. Neste documento, apresentamos uma listagem geral das propostas de GT e também as ementas detalhadas dos mesmos, onde estão especificadas as propostas e objetivos de cada grupo.

LISTAGEM GERAL DE GRUPOS DE TRABALHO

- GT 01.** Manifestações literárias como forma de representação cultural.
- GT 02.** Música e cultura: ruídos e silêncios sobre o impacto do ensino de música.
- GT 03.** Mire e veja: janelas da arte na educação.
- GT 04.** Leitura, escrita e subjetividade: encontro com narrativas da diferença em educação.
- GT 05.** Ninguém é igual a ninguém: literatura infantil e diferença.
- GT 06.** Discurso, argumentação e ensino de línguas.
- GT 07.** Biopolítica: educação entre seus processos restritivos e de resistência.
- GT 08.** Políticas e práticas em educação não formal: espaços, tempos e agentes.
- GT 09.** A educação como estratégia política de luta e resistência.
- GT 10.** Tecnologia e educação: caminhos possíveis.
- GT 11.** Inclusão, alteridade e diferença.
- GT 12.** Narrativas em movimento: práticas e reflexões sobre a divulgação de pesquisas no suporte audiovisual.
- GT 13.** Diálogo, educação e conscientização: o legado histórico de Paulo Freire.
- GT 14.** Educação, história e memória: reflexões em perspectiva histórica.
- GT 15.** Gênero e ensino de história.
- GT 16.** História da educação, políticas educacionais e instituições escolares.





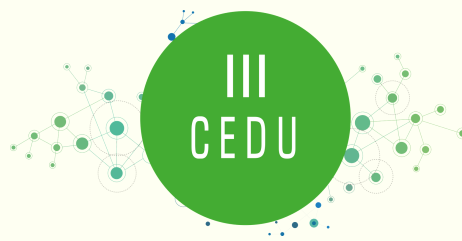
EMENTAS DOS GRUPOS DE TRABALHO

Eixo temático Educação e diferença: arte e cultura

GT 01. Manifestações literárias como forma de representação cultural | Coordenadores: Roberto Rossi Menegotto (UCS) e Emanuele Mendonça de Freitas (UCS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.
Ementa: O objetivo deste Grupo de Trabalho é explorar estudos e reflexões sobre temas relacionados a manifestações artísticas, valorizando investigações que percebam, na literatura, características dos processos culturais. Para tanto, este GT pretende reunir trabalhos relacionados à temática da educação e da diferença, com suas resistências e escapes, em representações literárias. Destina-se a pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais, de variados níveis acadêmicos, com trabalhos que apresentem resultados parciais ou finais de pesquisa nas discussões sobre literatura e cultura. Serão aceitos estudos teóricos e empíricos que valorizem o diálogo interdisciplinar acerca da temática proposta.

GT 02. Música e cultura: ruídos e silêncios sobre o impacto do ensino de música | Coordenadores: Deise da Silva Santos (UCS) e Paola Delazzeri (UDESC) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.
Ementa: O Grupo de Trabalho Música e Cultura: Ruídos e silêncios sobre o impacto do ensino de música pretende reunir pesquisadores/as que proponham discussões em torno de processos educacionais acerca do ensino e aprendizagem da música. O debate é voltado ao fazer artístico e musical enquanto ritual social, que dialoga com as interfaces de gênero, raça, classe, etnia e demais marcadores sociais de diferença. Tem como objetivo a reflexão, análise e estudo sobre o impacto do ensino de música nas práticas educacionais, além das manifestações culturais em diferentes questões e interfaces que tangenciam o processo educativo. É interessante ressaltar que a temática não se atém somente a práticas no ensino formal, mas ampara os contextos informais. Espera-se estudos que abordem o tema através da perspectiva política, histórica, da legislação, além do âmbito da prática cotidiana e das experiências. Dessa forma, busca-se refletir sobre as dimensões educativas, científicas e culturais que delineiam a contemporaneidade e interação com o maior objetivo da educação: a formação humana.





GT 03. Mire e veja: janelas da arte na educação | Coordenadores: Joanne Cristina Pedro (UCS) e Patrícia Giuriatti (UCS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: Os trabalhos do GT Mire e veja: janelas da arte na educação estão voltados para a análise, a exploração e a reflexão referentes às múltiplas linguagens da arte no cotidiano da educação escolar e não escolar. Entende-se que as diferentes manifestações artísticas são produtoras de cultura popular, vistas como formas de resistência, de fruição, de pertencimento grupal e valorização dos saberes historicamente construídos pela humanidade, como jogos, brincadeiras, literatura, música, cinema, dança, teatro, artes plásticas, artesanato, fotografia etc. Na educação escolar e não escolar eles se constituem em potencialidades de mobilização e de transformação social; a estética e a ética são princípios políticos e pedagógicos da formação humana. Aceitam-se produções que tenham ênfase nos pressupostos explicitados neste texto, no formato comunicação oral precedida de um resumo apresentando o objetivo, a pertinência e a relevância para a educação contemporânea e para as ciências humanas, os resultados e as considerações finais.

Eixo temático Educação e diferença: linguagem

GT 04. Leitura, escrita e subjetividade: encontro com narrativas da diferença em educação |

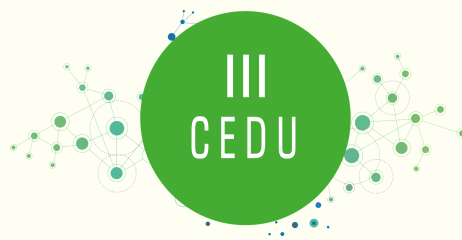
Coordenadores: Viviane Maruju (UCS) e Thays Carvalho Gonem (UCS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: O presente Grupo de Trabalho possui como objetivo tornar-se espaço de encontro, troca e experimentação de pesquisas, trabalhos e práticas que usem da escrita e da leitura como mecanismos de insurgência, subjetivação e operação micropolítica nos mais distintos contextos em que a educação se faz questão. Os trabalhos inscritos poderão se apresentar de modo híbrido - via, por exemplo, memorial autobiográfico, diário de pesquisa, relato de experiência, ensaio fotográfico etc -, por meio de múltiplas metodologias narrativas que convirjam para a discussão das dimensões ética, estética e política do Texto, de modo a pôr em trânsito os desafios que se apresentam para o campo da educação na contemporaneidade.

Ao propor uma abordagem política do Texto, nos lançamos ao que escapa da simples defesa da escrita configurada em dadas formas: voltamo-nos justamente às práticas de escrita que se fazem tentativas de resistência às formas e aos limiares, que atentam aos modos como nos relacionamos com os textos e com suas possibilidades de insurgência ou obediência. Trata-se, mais do que de uma política da escrita, de uma política do que se produz a partir do encontro que se estabelece com a escrita (COSTA, 2017).

Nesse sentido é que tomamos as práticas de escrita e leitura enquanto práticas indissociáveis. Práticas





subversivas, intransitivas e provocadoras de Textos que visam resistir ao poder exercido pela língua, ensaiando condições e possibilidades para afirmarmos mais os tensionamentos e interrogações do que as utilidades e servidões comunicativas da língua. Nesse movimento de escritura (escrita + leitura), vamos tecendo a nós mesmos junto à realização da escrita e da leitura (BARTHES, 2004).

Tendo como eixo temático Educação e diferença: linguagem, este GT se coloca alinhado à proposta do evento, que consiste em uma incursão sobre Educação e diferença: resistências e escapes. Em meio ao cenário de uma política cotidianamente golpeada, o campo da educação não passa ileso de ataques à sua potência. Nesse campo que é uma das principais arenas de disputa por dados projetos de sociedade, parece não se fazer suficiente uma postura distanciada de nossa parte. Nesse ensejo, tomamos emprestada a reflexão de Sílvio Gallo (2008), quando nos alerta para a necessária passagem da posição de profeta à de militante, nos lançando à tentativa de sermos, por meio das nossas escrituras, não aqueles que notificam a promessa do novo, mas sim aqueles que buscam viver acontecimentos e dentro dos acontecimentos vividos criar as possibilidades do novo.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 2004.

COSTA, Luciano Bedin da. Ainda escrever: 58 combates para uma política do Texto. São Paulo: Lumme Editor, 2017.

GALLO, Sílvio. Deleuze e a Educação. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

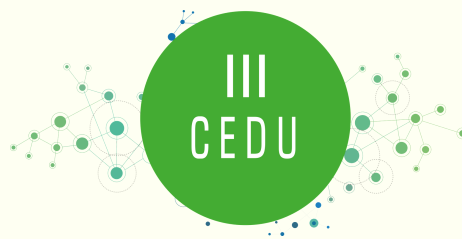
GT 05. Ninguém é igual a ninguém: literatura infantil e diferença | Coordenadores: Daniela Corte Real (UCS) e Fabiana Kaodoinski (UCS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: Carlos Drummond de Andrade certa vez escreveu: “Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar”. Você já pensou como seria aborrecido viver em um mundo onde todos fossem iguais? Nessa direção é preciso olhar para a diferença como algo que nos torna únicos, como experiência de uma erupção – que nos provoca o pensamento e o olhar – e que torna possível outras formas de alteridade.

Que tal focarmos nosso olhar no que toca as diferenças sobre as personagens dos livros de literatura infantil? Tenho certeza de que você vai lembrar de alguma personagem diferente com a qual se identificou ou ainda, que lhe causou estranhamento numa narrativa... Vale perguntar: por quê?

Poderia esse outro (o diferente, o estranho) estar inscrito em um único mapa, em uma única fotografia numa sociedade tão diversa e múltipla como a nossa? Ainda que a resposta a essa questão possa parecer óbvia esse movimento de reconhecer o outro como legítimo na sua diferença ainda precisa ser exercitado porque a igualdade é uma invenção da modernidade que teima em classificar, homogeneizar e produzir mesmices.





O reconhecimento da diferença do outro que é, essencialmente, diferente de nós exige que rompamos com três possíveis modos de entender a representação da diferença na própria literatura infantil: a) o outro que deve ser anulado; b) o outro como hóspede da nossa hospitalidade e 'tolerância'; e c) o outro que reverbera permanentemente.

No primeiro caso (a) o outro aparece como 'o problema', está mal inserido porque os demais não dão conta de sua diferença. No segundo caso (b) aparece a idéia de que o corpo se reforma e/ou auto-reforma, na esteira da ambição da mesmidade que tenta alcançar, capturar, domesticar o outro. Não é uma aceitação da diferença e sim uma tentativa de dar voz a personagem da narrativa para que diga o mesmo, para que possa parecer-se com o mesmo.

No terceiro caso, do outro que reverbera permanentemente, não é mais possível fechar os olhos e ignorar o outro e/ou fazer de conta que as diferenças são simplesmente toleradas. Nessa perspectiva há uma posição que exige um movimento, um olhar mais sensível para as diferenças onde o outro não pode ser silenciado e/ou modificado.

Ao ajustarmos nosso olhar para as diferenças não nos perguntamos mais se é o gambá que não sabe sorrir e sim se somos nós que não sabemos olhar para ele?!

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Júlio Groppa. Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 11-30.

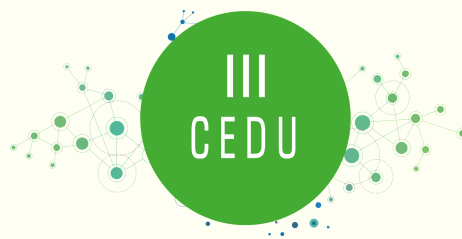
SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os "outros". In: Ponto de Vista – Revista de educação e processos inclusivos, Florianópolis, n. 5, p. 37 – 49, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/download/1244/4251> Acesso em: 27 out 2017.

GT 06. Discurso, argumentação e ensino de línguas | Coordenadores: Mirley Tereza Correia da Costa (UCS) e Andreia Inês Hanel Cerezoli (UCS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: O Grupo de Trabalho (GT), Discurso, argumentação e ensino de línguas, tem como objetivo a divulgação de pesquisas voltadas à investigação científica do discurso, da argumentação e suas interfaces com o ensino de línguas nas mais diversas perspectivas epistemológicas e metodológicas.

Esse GT compreende o ensino de línguas como um processo de desenvolvimento das competências de leitura e escrita na singularidade de suas habilidades. Assim, a interface com o ensino visa produzir conhecimentos e saberes que promovam não somente a reflexão sobre a temática, mas que também resultem em orientações ou propostas de ensino baseadas em novos enfoques sobre o discurso e a argumentação no ambiente escolar, o que evidencia um compromisso social da pesquisa acadêmica. Diante disso, os trabalhos submetidos para esse GT devem contemplar reflexões teóricas e/ou contribuições práticas acerca dos objetos discurso e/ou argumentação, além de agregarem investigações acerca do ensino.





Eixo temático Educação e diferença: políticas

GT 07. Biopolítica: educação entre seus processos restritivos e de resistência | Coordenadores: Simone Côrte Real Barbieri (UCS) e Cláudia Soave (UCS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: A educação entendida enquanto horizonte complexo contribui para o desenvolvimento das subjetividades no delineamento do tecido social, a partir da articulação entre a multiplicidade de sujeitos que o compõem e as condições necessárias para o funcionamento de uma sociedade; é esse lugar entre o indivíduo, que precisa se constituir como sujeito para se posicionar, e as suas possibilidades de subjetivação, experienciadas em suas relações com os outros, consigo mesmo e com o mundo. Um dos escapes que pode ser evidenciado para discutir a educação a partir da complexidade é a análise biopolítica, já que quanto maior a complexidade maior a necessidade de organização e controle para regular o funcionamento dos sistemas sociais. De modo que o objetivo deste Grupo de Trabalho é discutir a educação pela perspectiva biopolítica, problematizando os processos educacionais em seus aspectos restritivos da formação subjetiva; e de resistência aos dispositivos de controle que regem as relações de poder no contexto educacional.

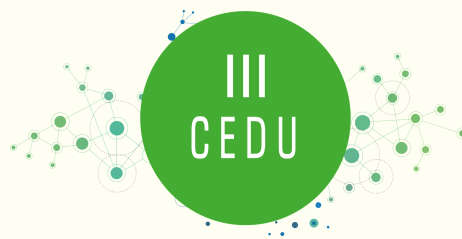
Evidenciamos como um dos principais objetivos da educação a garantia dos direitos de aprender e de se desenvolver para todos os sujeitos de uma forma integrada contínua e efetiva. Isso se reflete na estruturação das políticas públicas educacionais a medida em que visam condicionar os espaços de formação subjetiva. Nesta perspectiva convidamos a discussão acerca dos seguintes temas: (1) Políticas Públicas; (2) Dispositivos de Controle; (3) Formação; (4) Ética.

GT 08. Políticas e práticas em educação não formal: espaços, tempos e agentes | Coordenadores: João Paulo Borges da Silveira (UCS) e Olivia Silva Nery | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: O presente grupo de trabalho tem por objetivo refletir sobre as políticas e práticas em educação não formal, considerando-se aquelas atividades que são propostas e se desenvolvem em espaços não escolares, ou ainda, na escola, mas fora da sala de aula. A esse respeito, destacamos o que entendemos por três diferentes tipos de educação: informal, formal e não formal. A educação informal é oriunda da socialização dos sujeitos e que perdurará pela vida, como, por exemplo, no seio familiar, no bairro em que mora, em instituições religiosas ou na prática de atividades de lazer e entretenimento. A educação formal é aquela institucionalizada por meio de escolas e universidades, atendendo da educação básica à superior. Já a educação não formal se caracteriza por toda atividade educativa e organizada, fora dos sistemas regulares de ensino, que se alicerçam na aprendizagem de diferentes grupos populacionais, a respeito de múltiplas e diversas abordagens.

Aponta-se uma diferença entre a educação formal e a não formal, que se relaciona aos conteúdos





curriculares da primeira e que não acontece na segunda. Enquanto a educação formal se baseia em conteúdos pré-estabelecidos e que precisam ser vencidos ao longo de um período, a educação não formal é marcada pela flexibilização de temas a serem trabalhados, bem como em relação aos períodos de sua realização, que podem ser estabelecidos por atividade, sendo necessário o planejamento e a organização das práticas educativas.

Destacamos ainda que há uma necessidade de avaliações para aprovação no contexto da educação formal, no qual determinará se os sujeitos poderão progredir ou não para outras escalas indicadas pelos sistemas de ensino.

O mesmo não acontece na educação não formal, que poderá ter processos avaliativos para mensurar a evolução dos sujeitos nos processos de aprendizagens, contudo, a avaliação não deve ser impeditiva para prosseguimento nas atividades ou ainda, para avaliar o quanto de sabe no sentido de aprovação ou repetência.

Sobre a educação não formal, a temos como “[...] um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (GOHN, 2014, p. 40). A educação não formal alicerça-se na participação democrática, em busca da socialização e da cidadania em diferentes processos sociais e culturais.

Entendemos como espaços de educação não formal as bibliotecas, museus e arquivos, planetários, jardins botânicos ou zoológicos, ambientes da escola, fora da sala de aula, dentre outros aparelhos socioculturais ou ainda, espaços não institucionalizados como ruas, parques, praças, etc.

Os tempos podem ter caráter histórico ou contemporâneo, considerando os tempos para desenvolvimentos das políticas e das práticas nos espaços não formais, bem como respeitando os tempos individuais dos sujeitos partícipes.

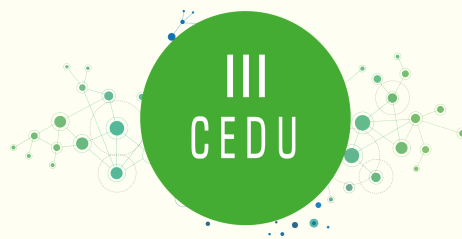
Como agentes das políticas e práticas em educação não formal cita-se alguns, como: os movimentos sociais, as organizações não governamentais (ONGs) e entidades do terceiro setor, profissionais como professores, bibliotecários, historiadores, mediadores de leitura, produtores culturais e todos e quaisquer profissionais que atuem com políticas e práticas educativas no cenário não formal.

Nesse contexto, o presente grupo de trabalho acolherá textos que possuam como base políticas e práticas relacionadas à educação não formal, em seus diferentes espaços e tempos, cujas propostas sejam desenvolvidas por diferentes agentes.

REFERÊNCIAS

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. Investigar em Educação: Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Minho/Portugal, IIª Série, n. 1, p. 35-50, 2014.





GT 09. A educação como estratégia política de luta e resistência | Coordenadores: Graziela Rossetto Giron (UCS) e Heloísa Giron | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: O Grupo de Trabalho (GT) A educação como estratégia política de luta e resistência, objetiva promover momentos de conversa e reflexão sobre possibilidades de escapes e resistências associadas ao campo educativo, tendo em vista o atual contexto socioeconômico e político brasileiro. Para tanto, acolhe sugestões e ponderações de professores, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação vinculados a instituições de Ensino Superior, visando à emergência de elementos que levem a pensar numa política de contraponto ao modelo educacional neoliberal. Esse GT também se propõe a contribuir para a geração de novas ideias acerca de práticas pedagógicas que motivem a superação de atitudes competitivas, excludentes e autoritárias que afloram no meio escolar, motivadas pela formação histórica da sociedade brasileira a qual apresenta forte desigualdade social, associada a relações de poder racistas e patriarcais.

Eixo temático Educação e diferença: inclusão e tecnologia

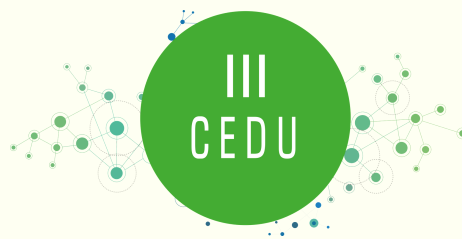
GT 10. Tecnologia e educação: caminhos possíveis | Coordenadores: Milena Schneid Eich (UCS) e Ygor Corrêa (UniRitter) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: O GT Tecnologia na educação: caminhos possíveis objetiva analisar e discutir estudos e práticas relacionadas às tecnologias na educação, tendo como ênfase o conhecimento no que diz respeito à docência na cibercultura, as tecnologias digitais da informação e da comunicação aplicadas à educação, bem como o papel da tecnologia no processo de inclusão de pessoas com deficiência (PCDs) no contexto educacional e as relações com a tecnologia na perspectiva da Educação inclusiva. Considera-se, para tanto, a interrelação entre educação e tecnologia nos espaços escolares, em instituições de ensino de nível básico e superior e na sociedade como um todo. Visa, também, aprofundar o debate sobre o tema das tecnologias assistivas, inovação e respeito ao exercício dos direitos das pessoas com deficiência, objetivando a inclusão social e a cidadania, conforme a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

GT 11. Inclusão, alteridade e diferença | Coordenadores: Caroline Scussiatto (UCS) e Helenara Sironi de Moraes (UCS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: O GT intitulado Inclusão, Alteridade e Diferença objetiva propiciar um espaço de compartilhamento de saberes e não saberes em relação às diferenças, relacionando aos aspectos históricos, políticos, sociais, culturais e educativos concernentes aos sujeitos “descentrados do projeto de homogeneização”, conforme pontua Skliar (1999), e que vivem nas fronteiras inclusão/exclusão, como, por exemplo: negros, indígenas, mulheres, migrantes, moradores de rua, a população com deficiência, a comunidade LGBT, desempregados, analfabetos, sem-terra, entre outros.





Diante de um mundo global, plural em sua suposta naturalidade, mas excludente em suas culturas e práticas, visamos proporcionar espaços de interação e reflexão teórico-práticas frente às discussões acerca dos processos inclusivos contemporâneos, amplos e complexos, em suas generalidades e particularidades, limites e possibilidades. O olhar sobre o outro, quando distante de uma posição alienante e desinteressada (SKLIAR, 2003), próximo da existência e dignidade do indivíduo, pode proporcionar novos significados e trazer novas perspectivas nos atuais sistemas de representação que vivemos, tornando possível pensar e construir outras alteridades e transformar as relações de sociabilidade e responsabilidade. Partindo desses pressupostos e aberto às discussões e aproximações, o presente Grupo de Trabalho destina-se a pesquisadores, docentes e discentes de diferentes níveis acadêmicos, de todas as áreas, interessados em aprofundar e compartilhar conhecimentos e experiências vinculadas aos processos de Inclusão Social, Alteridade e Diferença.

REFERÊNCIAS

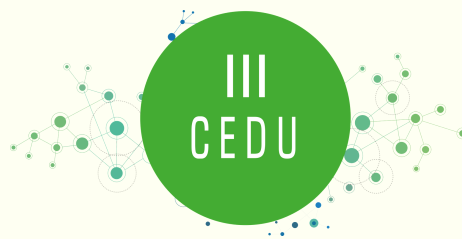
SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade 'deficiente' a partir dos significados da normalidade. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 22-23, 1999.

_____. A educação e a pergunta pelos Outros. *Ponto de Vista*. Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003.

GT 12. Narrativas em movimento: práticas e reflexões sobre a divulgação de pesquisas no suporte audiovisual | Coordenadores: Débora Wobeto (UFRGS) e Marcos Luiz Hinterholz (UFRGS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: O presente GT propõe uma reflexão sobre o suporte audiovisual como possibilidade de divulgação de pesquisas no campo educacional, historiográfico e etnográfico. Interessa-nos investigar questões relacionadas aos procedimentos técnicos, estéticos e éticos que envolvem a apropriação dos depoimentos audiovisuais pelo discurso cinematográfico. Para além de questões metodológicas que se colocam ao próprio ato de realizar e analisar uma entrevista filmada, propomos problematizar a incorporação de entrevistas em diferentes contextos fílmicos e o processo de montagem de uma narrativa com sons, vozes, legendas e imagens em movimento. São contemplados elementos técnicos da produção, como o tipo de gravador, câmera e softwares de edição utilizados, bem como as inúmeras soluções criadas para viabilizar um filme. Comparecem ainda aspectos relativos à construção da estrutura narrativa e a restituição aos interlocutores pensada como parte integrante do processo de pesquisa. Entende-se, portanto, o audiovisual como uma ferramenta de legibilidade e visibilidade de estudos dos diferentes campos do conhecimento. Desta forma, o presente GT quer promover o diálogo entre relatos de experiências de produção audiovisual ou projetos neste sentido, bem como de reflexões teóricas sobre as condições de possibilidade do ensaio fílmico, a metodologia da pesquisa e suas interfaces com o processo de construção de narrativas no suporte audiovisual.





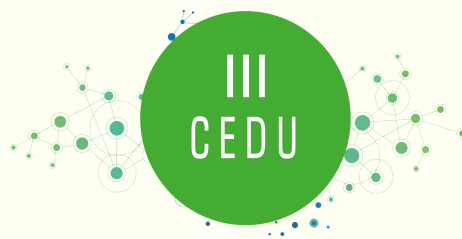
REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. Luz e cor, o pictórico no filme. In: O olho variável ou a mobilização do olhar. São Paulo, Cosac& Naify, 2004.
- DEVOS, Rafael. Etnografia visual e narrativa oral: da fabricação à descoberta da imagem. Revista Iluminuras. <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9225/5309>
- FIELD, Syd. Manual do roteirista, introdução Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (pdf).
- GARDIES, A. L'espace cinématographique. In: Espace au cinéma. Paris, Meridiens K, 1993.
- GIORDANO, Mariana. La imagen fotografica: relato, huella y memoria. In GIORDANO, Mariana et alli (compiladoras). Buenos Aires Conicet etc. Capitulo 1 . p. 27 a 38.
- MacDOUGALL, D. Films of memory. In: Transcultural Cinema. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1998.
- MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Imagem e memória e Barreiras da Iconografia. In: Livros de viagem 1803/1900. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007. p. 119 a 263.
- MACHADO, Arlindo. O cinema antes do cinema e A quarta dimensão. In: Pré-cinemas & Pós-Cinemas. São Paulo, Papyrus, 1997.
- PEIXOTO, Clarice. Caleidoscópio de imagens, o uso do vídeo e a sua contribuição à análise. In FELDMAN BIANCO, Bela e MOREIRA LEITE, Miriam. L (org) Desafio da Imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. São Paulo, Papyrus, 2006. P. 213 a 224.
- ROUCH, J. "Os 'pais fundadores', dos ancestrais totêmicos aos pesquisadores de amanhã." In: Catálogo Mostra Internacional do filme etnográfico. Centro Cultural Bco do Brasil, 1993.
- SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby Novaes, Sylvia (orgs.) O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2005, p.57-71.
- TACCA, Fernando. Encontro com memórias e histórias recontadas. In: Imagens do sagrado. São Paulo, Ed. Unicamp, 2009. p. 29 a 70.
- VALADAO, Virgínia Marcos. "O processo de trabalho do vídeo Yäkwa Banquete dos Espíritos". In: ECKERT, Cornelia e MONTE-MOR, Patrícia (Org). Imagem em foco, novas perspectivas em antropologia. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1999.. p. 161 a 178.

Eixo temático Educação e diferença: historicidade

GT 13. Diálogo, educação e conscientização: o legado histórico de Paulo Freire | Coordenadores: Mariana Parise Brandalise Dalsotto (UCS) e Leonardo Lodi (UNISINOS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h. Ementa: Há pouco tempo, havia no Brasil um discurso de "fora Paulo Freire", um educador que é considerado o patrono na educação deste país e reconhecido internacionalmente. Em vista disto, acredita-





se ser necessário refletir e dialogar sobre a trajetória e a contribuição do autor na/para educação latino-americana, tendo em vista o legado que o mesmo deixou. Desta forma, o objetivo deste grupo temático é ser um espaço de apresentação e discussão de estudos que trazem o pensamento Freiriano como referencial teórico principal, ou ainda, que analisam a obra de Paulo Freire em diálogo com outros autores e autoras e em espaços de educação não-formal. Assim, olhando para os últimos 20 anos, marcados pela ausência física e banalização de Paulo Freire em pesquisas acadêmicas, queremos evidenciar sua presença teórica e reflexiva na universidade. Desta forma, o GT pretende promover um momento de diálogo e reflexão sobre a utilização das ideias do educador como referencial teórico de pesquisas acadêmicas, as propostas de reinvenções e abordagens de seu pensamento em diferentes contextos educacionais e a análise da presença de Paulo Freire em pesquisas e práticas no Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, pode acolher estudos de outras áreas que abordem a historicidade de seu pensamento e de abordagens teórico-metodológicas.

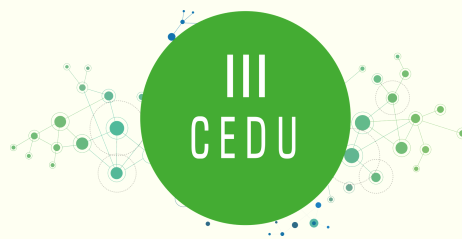
GT 14. Educação, história e memória: reflexões em perspectiva histórica | Coordenadores: Gisele Belusso (UCS) e Eduardo Cristiano Hass da Silva (UNISINOS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: O Grupo de Trabalho tem por objetivo promover um espaço de interlocução entre pesquisadores da história da educação, sendo a iniciativa uma parceria entre o Grupo de Pesquisa História da Educação Imigração e Memória (GRUPHEIM) da Universidade de Caxias do Sul e do Grupo de Estudos Educação no Brasil: memória, instituições e cultura escolar (EBRAMIC) da Universidade do Vale dos Sinos. Dessa forma, visa-se estabelecer vínculos entre os pesquisadores de diferentes instituições e grupos de pesquisa, contribuindo para a circulação de saberes e renovação dos conhecimentos produzidos sobre a educação em perspectiva histórica. Para tanto, acolhe-se pesquisas relativas a diferentes níveis de ensino, metodologias e perspectivas teóricas acerca da memória da educação e suas diferentes interfaces, com especial enfoque nas histórias das instituições escolares e aspectos que compõem a cultura escolar em relação à dinâmica regional, marcada por grupos étnicos.

GT 15. Gênero e ensino de história | Coordenadores: Daiane Dala Zen (UCS) e Juliana Goulart Machado (UCS) | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h.

Ementa: A proposta deste GT tem como foco a discussão de gênero no ensino da História. Esse enfoque, segundo Soihet e Pedro (2007), teve seu início no ano de 1989 com a publicação intitulada Mulheres no espaço público da Revista Brasileira de História. Esse artigo, segundo as autoras, revelou uma história de exclusão. Buscando reparar esta história de exclusão, outros trabalhos foram publicados e inúmeros grupos de trabalho com temática de gênero foram sendo construídos. Ao longo das últimas duas décadas foram inúmeros os avanços em estudos e pesquisas de gênero e história das mulheres, mas ainda se faz necessário oferecer embasamento teórico e metodológico para que professores/as e futuros professores/as possam trabalhar com as questões de gênero no ensino da história e demais disciplinas.





Apesar da vasta produção sobre os estudos de gênero e história das mulheres, pouco se faz para que a temática seja incluída nos currículos escolares e até mesmo acadêmicos. É preciso lembrar que a escola educa para as relações de gênero, consciente ou inconscientemente, quando normatiza e disciplina comportamentos.

Portanto, é primordial refletirmos sobre a temática gênero e ensino de história a fim de promovermos mudanças na forma tradicional e linear e que apresenta sempre uma visão masculina dos contextos históricos. Faz-se necessário problematizar conteúdos escolares e discursos vigentes para que o gênero seja entendido como a construção dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres ao longo da História, conforme orienta Scott (1989) e reforça a historiadora brasileira Paula Tatiane Azevedo (2016) ao afirmar: "torna-se cada vez mais necessário problematizar a categoria gênero no âmbito social se pensarmos no contexto atual, onde os debates sobre as questões de gênero tomaram uma proporção maior e atingiram principalmente o campo da educação" (AZEVEDO, 2016, p.11).

Neste GT propomos selecionar produções acadêmicas de cursos de graduação e pós graduação que permitam discutir interdisciplinarmente questões que se aproximem dos estudos de gênero e história das mulheres.

REFERÊNCIAS

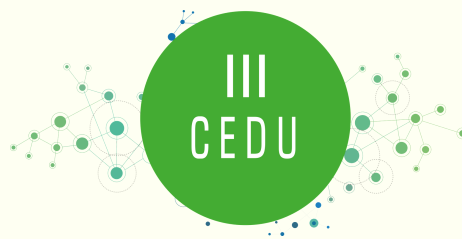
AZEVEDO, Paula Tatiane. É para falar de gênero sim: uma experiência de formação continuada para professoras/es. 2016. 85f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em História, Porto Alegre, 2016.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 20, nº 2, p. 71-99. 1995.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de gênero. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300. 2007.

GT 16. História da educação, políticas educacionais e instituições escolares | Coordenadores: Caroline Caldas Lemons (UCS) e Cassiane Curtarelli Fernandes (UCS). | Local: Bloco E. Duração: 14h30 às 18.30h. Ementa: Em tempos de mudanças e de desejos por uma sociedade mais humana, evidencia-se a função social da História da Educação: pensar os problemas educacionais do tempo presente, com base num estudo rigoroso do passado, tendo consciência de que a transformação se faz sempre a partir de pessoas (NÓVOA, 2011). Sendo assim, entre outros debates e tensionamentos, é preciso entender as políticas educacionais que orientam os sistemas de ensino, discutindo as aproximações e os limites entre o que é pensado para a escola, o que lá é realizado e o que é possível conhecer acerca desse movimento. É válido destacar que nos últimos anos, dentre as possibilidades de investigação no campo da História da Educação, a escola ganhou espaço e emergiu como um rico cenário de pesquisa despertando o interesse de historiadores que, apoiados no referencial teórico-metodológico da História Cultural, procuram narrar a





história da escola a partir de suas culturas. Neste sentido, reconstruir o processo histórico de organização das diferentes instituições, nas suas relações com os contextos social, econômico e político de uma determinada época, assim como apresentar os seus sujeitos, analisar os seus tempos, os seus espaços, as suas práticas e os modos como se apropriam das políticas educacionais, têm possibilitado uma compreensão da história da escola em diferentes lugares do Brasil e do mundo, como também da constituição da infância e da organização da(s) cultura(s) escolar(es). Partindo destas considerações, o Grupo de Trabalho tem como propósito oferecer um espaço de reflexões e diálogos historiográficos acerca dos estudos relacionados à História da Educação em diferentes períodos e contextos. Aceita estudos com temáticas diversificadas em torno da História da Educação e das políticas educacionais, assim como da história das instituições e suas relações com as culturas escolares.

REFERÊNCIA

NÓVOA, Antônio. Apresentação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena. Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. III: século XX. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 9-13.

